

A sucessão e o poder econômico

RAUL PILLA

Dada a enorme soma de poder que o presidente da República exerce no atual sistema político, a sua eleição acarreta sempre uma grave crise. Apesar disto, porém, não parece que os homens responsáveis pelo país, se os há, estejam dispostos a resolver definitivamente a questão, mediante a reforma constitucional.

Quando outros motivos não houvesse para a justificar, e os não de grande peso, bastaria o estar agora a eleição do presidente da República na estreita dependência do poder econômico: ou o poder do próprio governo, ou o dos magnatas de várias categorias. Pouco adianta que um político apresente todos os requisitos pessoais para o cargo, e que tenha até, consigo, uma ponderável corrente eleitoral, se não dispõe de abundantes recursos para a campanha.

É isto o que torna quase invencível um candidato que mobilize em seu favor o enorme poder financeiro da União, ou de um grande Estado, e faz quase ridículos os esforços de um candidato verdadeiramente popular, que não disponha de tais recursos. Se as eleições se vencem com votos, os votos em pleitos de tal importância, se conseguem com dinheiro: dinheiro para a propaganda mais ou menos honesta e para a corrupção mais ou menos desonesta.

Explica esta predominância do poder econômico que os partidos hesitem em se lançar à luta e lhe prefiram um acôrdo quase impossível. Mas não explica que cruzem os braços e não promovam a reforma saneadora, enquanto é tempo.